ANÁFORAS ASSOCIATIVAS

NAS ANÁLISES DE DESCRIÇÕES DEFINIDAS

Cassiano Ricardo Haag¹

Gabriel de Ávila Othero²

cassiano_rhaag@yahoo.com.br

gabriel_othero@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, vamos estudar as relações de anáforas associativas expressas por descrições definidas existentes no discurso. Consideramos descrições definidas os sintagmas nominais que iniciam por artigo definido, a saber *o*, *a* e suas formas plurais, *os*, *as*.

Ao serem introduzidas no texto, as descrições definidas podem estar se referindo a uma entidade que esteja aparecendo pela primeira vez no co-texto discursivo, ou podem se referir a alguma palavra ou expressão já apresentada no texto. Dessa forma, elas podem ser *novas no discurso*, ou podem apresentar uma relação de *correferência* ou de *referência* com algum termo anterior já conhecido do interlocutor do texto.

Exemplos:

- 1) Rodrigo estava exausto porque tinha acabado de voltar *da escola*.
- 2) Há *um filme* muito bom em cartaz. *O filme* fala sobre a lenda do Rei Artur.

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

- 3) Nós visitamos *um museu* fantástico. *As esculturas* eram belíssimas, e *os quadros* eram todos de pintores renomados.

No exemplo (1), podemos perceber que a descrição definida *a escola* aparece pela primeira vez no discurso e não apresenta nenhum referente ou correferente textual. Podemos chamá-la, então, de *nova no discurso*. No entanto, obviamente, pode haver um *referente situacional*, envolvido no contexto de comunicação em que se insere o locutor da sentença. Em nosso trabalho, contudo, trataremos apenas de descrições definidas que apresentam relação de anáfora associativa com *referentes textuais*.

No exemplo (2), percebemos claramente uma relação de correferência entre os termos destacados (*um filme... o filme*), pois ambos se referem à mesma entidade. Dizemos então que *um filme* é o termo antecedente de *o filme*. Esse é um exemplo de uma *anáfora direta*, pois a descrição definida contém o mesmo nome-núcleo (*filme*) que seu antecedente³.

Já no exemplo (3), a relação parece ser outra: o termo *um museu* designa uma entidade diferente das descrições definidas que vêm logo em seguida, *as esculturas* e *os quadros*. Porém, essas duas descrições mencionadas apresentam uma relação semântica com sua *âncora textual*, a expressão *um museu*, de forma que as expressões referenciais definidas *as esculturas* e *os quadros* ativam novos referentes, reativando, ao mesmo tempo, um referente já introduzido no texto, *um museu*. Por isso, chamaremos essa relação de referência (e não de correferência) de *anáfora associativa*. Ou seja, **as descrições definidas não são exatamente novas no discurso nem retomam um termo anterior**. Elas estão *ancoradas* na existência de uma expressão já mencionada no texto. Mais adiante, vamos apresentar as diferentes relações de significado existentes entre um referente (ou uma *âncora textual*) e as descrições definidas que são suas anáforas associativas.

2. ANÁFORAS E ANÁFORA ASSOCIATIVA

³ Cf. OTHERO, Gabriel de Ávila. (a sair). *A anáfora e a tessitura do texto*.

A principal diferença entre as relações anafóricas (correferenciais) e as anáforas associativas (referenciais) é que, no primeiro caso, a descrição se refere a uma mesma entidade introduzida por um antecedente; enquanto, no segundo caso, ela se é ativada por alguma outra entidade mencionada no texto, com a qual está associada por algum tipo de relação semântico-discursiva.

Exemplos:

Anáfora:

a) Direta:

4) Comprei três *livros*_i excelentes. **Os livros**_i estão lá em casa.

b) Indireta:

5) *Romário*_i deveria estar na seleção. **O baixinho**_i joga muito.

c) Pronominal:

6) Todos imaginam que *Luis Fernando Verissimo*_i é um cara extrovertido e animado, mas, na verdade, **ele**_i é bem tímido e introvertido.

Em uma relação anafórica, o referente e seu antecedente representam a mesma entidade, por isso eles levam o mesmo índice de correferência, expresso pelo _i subscrito.

Já com a anáfora associativa, o mesmo não é verdadeiro:

Exemplos:

7) Entrei *no restaurante*_a, e **o garçom**_r veio me atender.

8) Comprei *três livros*_a ontem. **Os autores**_r estarão fazendo uma sessão de autógrafos amanhã.

Na anáfora associativa, o termo referente não representa a mesma entidade que o termo a que se refere, por isso não podemos chamar este último de *antecedente*. Seguindo a proposta de Marcuschi⁴ e Fraurud⁵, preferimos também chamar este termo de *âncora textual*, pois a descrição definida está ancorada em uma expressão anterior no texto.

⁴ Marcuschi, 2000.

⁵ FRAURUD, Kari. (1990). Definiteness and the processing of NPs in natural discourse. *Journal of Semantics*, 7, apud Vieira, 1998.

Para marcar a âncora textual que a descrição definida reativa, decidimos utilizar um índice referencial representado pela letra a subscrita, e outro índice que identifica seu referente, a própria descrição definida (marcado pelo índice r).

Assim, *o restaurante*, no exemplo (7) serviu de âncora textual para a descrição definida *o garçom*. Da mesma forma, no exemplo (8), *três livros* serve como âncora para a descrição definida *os autores*.

Na tabela abaixo, especificamos os três tipos de anáforas estudadas, mostrando que:

1. Na **anáfora direta**, a descrição definida tem o mesmo nome-núcleo que seu antecedente e se refere à mesma entidade que ele;
2. Na **anáfora indireta**, apesar de o nome-núcleo da descrição definida ser outro que o de seu antecedente, a entidade ainda é a mesma⁶.
3. No caso das **anáforas associativas**, a descrição definida pode ou não ter o mesmo nome-núcleo que sua âncora, porém está se referindo a uma outra entidade, em ambos os casos.

Tabela 1. Tipos de anáforas nominais x anáforas associativas

	Nome-núcleo	Entidade referida
Anáfora direta	=	=
Anáfora indireta	≠	=
Anáfora associativa	≠	≠
	=	≠

3. RELAÇÕES ENTRE A ANÁFORA ASSOCIATIVA E SUA ÂNCORA TEXTUAL

Em uma relação de anáfora associativa, nem sempre é fácil identificar a âncora textual que serve de referente a uma descrição definida. Além do mais, também nem sempre é uma tarefa fácil estabelecer a relação que uma descrição definida mantém com sua âncora. Além disso, como podemos saber quando há essa relação de anáfora associativa? Como sabemos que a descrição definida, uma vez que não possua nenhum termo antecedente, está relacionada a alguma entidade já mencionada no discurso? Há um

teste que pode ajudar nesse sentido: quando julgamos que uma descrição definida é uma anáfora associativa, podemos substituí-la por um termo que seja de um campo semântico bem distante do significado de nossa suspeita descrição. Por exemplo:

9) Entrei em *um restaurante*_a, e *o garçom*_r veio logo me atender.

Desconfiamos que a descrição definida *o garçom* seja uma anáfora associativa, ancorada na expressão *um restaurante*. Conforme proposto pelo teste de verificação de anáforas associativas, iremos trocar nosso NP suspeito por um outro de significado bem diferente. Vejamos:

10) *Entrei em *um restaurante*_a, e *o lutador de sumô*_r veio logo me atender.

Alterando *o garçom* por *o lutador de sumô*, percebemos que a descrição definida, mesmo não tendo nenhum antecedente no discurso, apresenta uma relação (de anáfora associativa) com um termo anterior, *um restaurante* (que serve de âncora textual para ela). Portanto, a frase acima é agramatical de acordo com nossa proposta. Ou seja, é incabível pensar que a descrição definida *o lutador de sumô* seja ancorada no sintagma nominal *um restaurante* da frase anterior.

Na bibliografia sobre o assunto, percebemos que a anáfora associativa tem recebido diferentes classificações e tratamentos por diversos autores (ver Viera, 1998). Portanto, nosso trabalho não pretende impor uma classificação perene e inquestionável. Sabemos também que não conseguiremos abranger todos os tipos de anáforas associativas ativados por descrições definidas. Desejamos, apenas, lançar alguma luz com muita boa vontade e objetividade sobre esse assunto bastante complexo e propor uma classificação sólida e relativamente abrangente.

Dentre as relações que uma descrição definida pode ter com sua âncora, levantamos as seguintes:

1) HIPONÍMIA

⁶ Há casos em que, na descrição definida, o nome-núcleo, além de mudar, adiciona informação nova ao referente, como no exemplo: *Eu conheci um cara. O desgraçado roubou meu dinheiro*. Para mais detalhes sobre a discussão desse tipo de anáfora, ver Clark, 1979 e Othero (op. cit.).

No caso da hiponímia, a descrição definida tem por propriedade ser semanticamente incluída em uma palavra mais genérica que a reúne em uma classe.

Exemplos:

11) Eles enfeitaram a mesas com muitas *flores*_a: ***as rosas***_r estavam no arranjo central, ***as tulipas***_r sobre as cadeiras e ***as orquídeas***_r ao lado dos pratos.

12) Naquele lago artificial, havia diversos tipos de *peixes*_a, porém só ***os lambaris***_r e ***as traíras***_r estavam conseguindo sobreviver

2) MERONÍMIA

A descrição definida tem uma relação de *parte x todo* com sua âncora textual. Ela é *parte* de uma entidade já mencionada no texto. Dividimos as anáforas desse tipo em dois grupos:

2.1) PARTE INTEGRANTE: nesse caso, a descrição definida é uma parte integrante de um sintagma nominal mencionado anteriormente.

Exemplos:

13) Comprei *uma casa*_a linda. ***As portas***_r são todas azuis.

14) *A Linguística*_a é a ciência dos signos verbais. ***A Pragmática***_r estuda as relações entre os signos e a sociedade. ***A Semântica***_r, as relações entre os signos e seus referentes.

2.2) MATERIAL: já nesse caso, a descrição definida representa o material de que a entidade representada por sua âncora textual é constituída.

Exemplos:

15) Os anões confeccionaram *um colete*_a impenetrável. ***O aço***_r era forjado com técnicas que só eles conheciam.

16) Comprei uma *jaqueta*_a muito cara, pelo menos sei que ***o couro***_r é de qualidade.

3) REPETIÇÃO DO NOME-NÚCLEO

Repetição do mesmo item lexical, mas não exatamente da mesma entidade.

Exemplos:

17) Eu queria *uma fuga*_{a...} ***a minha fuga***_r era deitar na cama.

18) Ela tem lindos *olhos azuis*_a. ***Os meus olhos castanhos***_r não chegam aos pés de sua beleza.

4) NOMINALIZAÇÃO

A descrição definida é a nominalização de um verbo:

Exemplo:

19) O assassino *foi preso*_a ontem. ***A prisão***_r deixou todos aliviados.

20) Ontem à tarde, a seleção *desembarcou*_a em São Paulo. ***O desembarque***_r foi tumultuado devido ao grande número de fãs no aeroporto.

4.1) Nominalização com sinonímia

Nesse caso, a descrição definida é a nominalização de um verbo sinônimo ao verbo que lhe serve de âncora textual.

Exemplo:

21) Átila *visitou*_a toda a Europa. ***A viagem***_r durou 30 dias.

- *Viagem* é o nome derivado do verbo *viajar*, que é sinônimo contextual do verbo *visitar*.
- O nome derivado do verbo *visitar* é *visita* (que é um sinônimo contextual de *viagem*).

4.2) Nominalização com hiperonímia

Aqui, ocorre a nominalização de um verbo e o processo chamado de hiperonímia. Esse processo é o oposto do que mostramos na hiponímia. Antes a descrição definida designava um ser particular que estava ancorado em uma expressão mais abrangente; agora, a descrição definida é mais abrangente do que sua âncora textual.

Exemplo:

22) *Roubaram*_a um quadro de Monet do museu. *O crime*_r ainda é um mistério.

Vejamos o que aconteceu:

- A derivação nominal do verbo *roubar* é *roubo*, porém a descrição definida não é *o roubo*, e sim *o crime*.
- *O crime* não pode ser considerado um sinônimo de *o roubo*, porque aquele é um hiperônimo deste.

Podemos substituir *o roubo* por *o crime*, mas o contrário não é verdadeiro.

Exemplo:

23) Os jornais noticiaram *um roubo*_i ao Banco do Brasil. *O crime*_i foi por volta da meia-noite.

24) *Os jornais noticiaram *um crime*_i ao Banco do Brasil. *O roubo*_i foi por volta da meia-noite.

4.3) Nominalização de adjetivo

Esse tipo de nominalização é diferente dos anteriores: neste caso, o nome-núcleo da descrição definida não tem como âncora um verbo, mas sim um adjetivo que está diretamente relacionado a ele.

Exemplos:

25) Os cabelos dos punks são geralmente bem *coloridos*_a. E *as cores*_r são sempre chocantes, como vermelho, rosa ou verde.⁷

26) O castelo de Sauron era *enorme*_a! *O tamanho*_r realmente impressionou os pequenos *hobbits*.

27) A aula estava muito *maçante*_a. *O cansaço*_r já estava tomando conta de todos os alunos.

5) INFERÊNCIA

A descrição definida é preenchida por um substantivo inferido a partir de uma sentença anterior, ou de uma idéia anterior :

Exemplo:

28) O diretor da escola encarregou_a os professores de organizar a festa. *A decisão*_r foi tomada na última reunião.

6) ANTONÍMIA

A descrição definida tem uma relação antonímica com algum termo anterior.

Exemplo:

29) Soluções temos em *excesso*_a. *A escassez*_r está na boa vontade das autoridades.

7) OPOSIÇÃO SEMÂNTICAS

⁷ Nesse exemplo, poder-se-ia afirmar que a anáfora associativa também poderia ser enquadrada no tipo 9 (*propriedade*). Porém, se colocarmos outro adjetivo no lugar de *coloridos*, veremos que a descrição definida não ficará tão bem adequada quanto antes: *Os cabelos dos punks são geralmente bem bonitos. E as cores são sempre chocantes, como vermelho, rosa ou verde.*

Temos duas palavras em oposição semântica quando uma *pressupõe* a existência da outra. Assim acontece nos pares de palavras tais como **pai/mãe**, **marido/mulher**, **dar/receber**, **pergunta/resposta** etc.

Exemplos:

30) *O pai_a* do garoto sempre o repreende, enquanto *a mãe_r* sempre o mima.

31) *Uma pergunta_a* foi deixada no ar. Mas *a resposta_r* veio logo em seguida.

8) PROPRIEDADE

Na relação de propriedade, a descrição definida apresenta uma característica ou uma propriedade de sua âncora textual.

Exemplos:

32) Bill comprou *um carro_a* para sua esposa, mas ela não gostou *da cor_r*.

33) *Essa sobremesa_a* é ótima. *O sabor_r* é bem doce, mas não é enjoativo.

Assim, uma característica de um carro é apresentar uma cor, bem como uma propriedade da sobremesa é ter um sabor.

9) FRAMES

Os frames são quadros ou modelos cognitivos que temos em nossa memória. Eles mostram como se comporta e é identificado o mundo e a sociedade, através de figuras, eventos ou elementos armazenados em esquemas mentais em nossa memória de longo prazo como conhecimentos de mundo organizados.

Em uma anáfora associativa deste tipo, a descrição definida faz parte de um frame que foi disparado anteriormente por alguma expressão no texto⁸.

⁸ Esse tipo de anáfora associativa é, com certeza, o mais difícil de ser explicitado. Como confirma Marcuschi (2000), “não é fácil estabelecer distinções claras e rígidas entre conhecimentos conceituais armazenados na memória e conhecimentos semânticos lexicalizados, pois essas fronteiras são tênues e não há um sistema que se dê naturalmente”.

Para especificar este tipo de anáfora associativa da melhor maneira possível, dividimos esta categoria em dois grupos:

9.1) **Eventos:**

Em casos como esse, a descrição definida apresenta elementos que reativam um *evento* anteriormente mencionado no texto.

Exemplos:

34) Fui a *um casamento*_a ontem. *A noiva*_r estava linda, e *a decoração*_r, impecável.

35) Ana e Júlia foram passar *o Carnaval na Bahia*_a neste ano. Elas disseram que *o trio elétrico*_r é ótimo, e *a folia*_r rola sem parar!

No exemplo (34), a expressão *um casamento* evoca em nossa mente um esquema mental particular que temos desse evento. Normalmente, em casamentos, há uma noiva e algum tipo de decoração. Então, as descrições definidas fazem parte desse esquema cognitivo disparado por sua âncora.

O exemplo (35) também apresenta um evento (a festa de Carnaval da Bahia) que dispara em nossa mente uma representação mental em que as descrições definidas *o trio elétrico* e *a folia* são aceitáveis, pois, geralmente, o que não falta no carnaval baiano são esses elementos.

9.2) **Lugares:**

Aqui a descrição definida é ancorada em um *lugar* previamente referido no texto.

Exemplos:

36) Entramos *no restaurante*, e *o garçom* veio prontamente nos atender.

37) Marcel acordou amortecido em um *quarto de hospital*. Para sua sorte, *a enfermeira* veio logo lhe explicar como tinha sido a sua cirurgia.

É claro que, sendo os frames modelos mentais que temos em nossa mente, eles são particulares para cada pessoa em cada cultura diferente. Para que possamos estabelecer uma relação clara e coerente entre a descrição definida e sua âncora textual, é preciso que partilhemos de um conhecimento de mundo relativamente próximo ao conhecimento de mundo de nosso interlocutor.

10) PAPÉIS TEMÁTICOS DO VERBO

A descrição definida preenche o papel temático de um verbo anterior.

10.1) Argumento Interno:

A descrição definida é um argumento interno do verbo, ou seja, desempenha o papel de sujeito em relação à sua âncora textual.

Exemplos:

38) Mirabel *foi assassinada*_a. *O assassino*_r ainda não foi encontrado

39) *Roubaram*_a um quadro de Monet do museu. *Os ladrões*_r ainda são desconhecidos.

No exemplo (38), a descrição definida *o assassino* tem o papel temático de sujeito da ação expressa pelo verbo *assassinar*. Da mesma maneira, a descrição *os ladrões*, em (39) também recebe o papel temático de sujeito do verbo *roubar* expresso na sentença anterior.

10.2) Adjuntos:

Nesse caso, a descrição definida é um adjunto de um verbo que lhe serve de âncora. Esse adjunto pode ser de diferentes tipos.

Exemplos:

40) Gandalf queria *ir*_a para a cidade dos elfos, mas não sabia quando sairia *a próxima caravana*_r.

41) *Escrevi*_a tanto ontem na aula que quase gastei toda *a caneta*_r.

No exemplo (40), a descrição definida tem o papel de adjunto adverbial de meio, ancorada no verbo ir. Alguém (*Gandalf*) vai a algum lugar (*a cidade dos elfos*) de alguma forma (*com a caravana*). No exemplo (41), *a caneta* pode ser considerada um adjunto adverbial de instrumento, pois foi **com** *a caneta* que o sujeito exerceu a ação verbal. Acreditamos, pois, que essa relação está mais baseada na significação lexical dos termos, do que em nosso conhecimento de mundo extralingüístico.

10.3) **Agente subentendido:**

Nesse caso de anáfora associativa, a descrição definida está ancorada não em um verbo da qual ela seja agente, mas sim de um nome que representa uma entidade resultante de alguma ação implícita de que ela desempenhou. Em outras palavras, o termo introduzido pela descrição definida serviu de agente para a concretização de sua âncora textual.

Exemplos:

42) Fred me mostrou *um livro*_a bem interessante. **O autor**_r mora na rua da minha casa.

43) A nova edição do *Guggenheim*_a está belíssima. **Os arquitetos**_r devem ser brilhantes.

44) Baixei da Internet *um programa*_a de tradução automática bem completo. **Os programadores**_r devem ter, com certeza, uma boa formação na área da Lingüística.

No exemplo (42), *o autor* tem como âncora o sintagma nominal *um livro*. A relação entre os dois é a seguinte:

UM AUTOR

ESCREVE

UM LIVRO

No entanto, não há nenhuma menção ao ato ou processo de composição do livro e, mesmo assim, sabemos que o autor expresso pela descrição definida é aquele que foi responsável de escrever o livro (que lhe serve de âncora) que Fred mostrou.

Nos outros exemplos, aparece a mesma relação. Em (43), os arquitetos são responsáveis pela realização da nova edição do museu Guggenheim⁹, enquanto que, em (44), a descrição definida *os programadores* são responsáveis pela criação do programa mencionado anteriormente. Esse tipo de anáfora depende muito mais do conhecimento de mundo – portanto, extralingüístico – compartilhado pelos interlocutores do que um mero conhecimento lexical.

11) MEMBROS DE UM GRUPO

Esse caso foi tratado por Clark (1979), que o chamou de *set-membership*. A descrição definida é um elemento de um grupo anteriormente mencionado no texto.

Exemplos:

45) Eu conheci *duas pessoas*_a ontem. *A mulher*_r era de Passo Fundo, e *o homem*_r, de Cruz Alta.

46) As gurias fizeram *três pizzas deliciosas*_a. *A primeira pizza*_r foi de frango.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos no princípio deste artigo, nossa intenção não foi a de esgotar este assunto das anáforas associativas; quisemos apenas mostrar e tentar esquematizar esta complexa estratégia de referência que nos permite acrescentar informações novas ao nosso texto, ancorando-as em informações dadas, já conhecidas por nosso interlocutor.

A anáfora associativa certamente extrapola a compreensão anafórica clássica, em que temos apenas termos correferentes. Esse tipo de relação anafórica, ainda que pouco

⁹ Nesse exemplo, outro conhecimento é exigido do receptor para que o sentido do enunciado possa ser completo: é necessário que este saiba que o *Guggenheim* é um museu, logo pode ter suas instalações planejadas por arquitetos.

estudada em Português, demonstra ser de uma complexidade muito grande e de um uso bastante freqüente em na língua.

Ainda que não totalmente, mostramos, neste artigo, que mesmo esse complexo fenômeno anafórico pode vir a ser passível de sistematização, mesmo que um processo de anáfora associativa envolva tantos fatores lingüísticos e extralingüísticos, como aspectos textuais, discursivos e cognitivos da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CASTILHO, Ataliba T. (2002). *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto.
2. CHARAUDEAU, Patrick. (1992). *Grammaire du sens et de l'expression*. 6.ed. Paris: Hachette.
3. CLARK, Herbert H. (1979). Bridging. In: P. N. Johnson-Laird; P. C. Wason (orgs.) *Thinking: readings in cognitive science*. London: Cambridge University Press.
4. GREENE, Judith; COULSON, Mark. (1996). *Language understanding: current issues*. Buckingham: Open University Press.
5. GUIMARÃES, Elisa. (1993). *A articulação do texto*. São Paulo: Ática.
6. KOCH, Ingedore Villaça. (1995). O texto: construção de sentidos. *Revista Organon*, v. 9, n. 23.
7. _____. (1997). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.
8. MARCUSCHI, Luiz Antônio. (1986) *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.
9. _____. (2000). Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita do português brasileiro. In: GÄRTNER, Eberhard et al. (editores). *Estudos de lingüística textual do português*. Frankfurt am Main: TFM.
10. _____. (2001). Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56.
11. MOURA, Heronides M. M. (2000). *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Insular.
12. OTHERO, Gabriel de Ávila. (a sair). *A anáfora e a tessitura do texto*.

13. VIEIRA, Renata. (1998). *Definite description processing in unrestricted text*. PhD Dissertation. Centre for Cognitive Sciences, Edinburgh University. Edinburgh, UK.